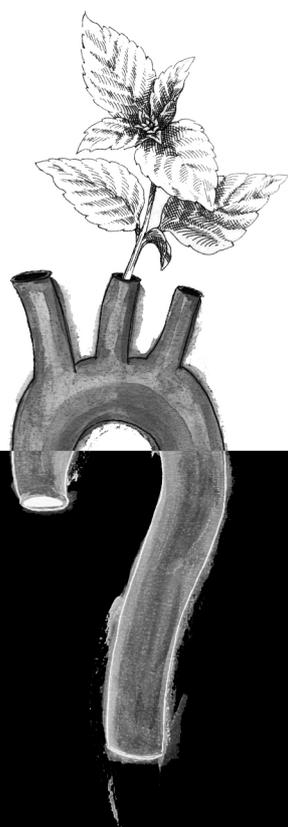


RAFAEL POLETTO DUTRA

AHORIA E OUTROS CONTOS



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Departamento de Artes
Curso de Graduação em Cinema

A Horta e Outros Contos.

Copyright © 2016, Rafael Poletto Dutra.

Portfolio desenvolvido para a disciplina de Escrita Criativa.
Professor Dr. Márcio Markendorf.
Florianópolis, dezembro de 2016.

A HORTA
E OUTROS CONTOS

A Horta e Outros Contos é um projeto para a disciplina de Escrita Criativa, que reúne os contos que mais me identifiquei e que, em minha análise, fazem diálogo entre suas poéticas.

UM

A HORTA

A casa era grande, espaçosa, até demais para os dois jovens amigos que para ali se mudaram. Um mês de arrumações e estavam prontos pra se concentrar na preferida distração: A horta.

Ambos os meninos, pirados em culinária, abusavam de especiarias e temperos que sempre cultivaram em casa. Quando moravam no interior, a facilidade de viver em uma casa era maior, mas, por sorte, haviam conseguido uma casa no Rio de Janeiro com um grande quintal para manter o hobby.

Levados pelo amor à culinária e a tentativa constante de obterem os melhores dos ingredientes, agora focavam na realização da adubagem da terra. Da terra vem a vida, da terra sai os sabores, é ali que estava o segredo.

Mantinham o hobby com gosto, todos os dias após o expediente cuidavam da horta. Começaram com o manjeriço, depois o tomilho e o alecrim. Evitavam a hortelã, ela se espalha como mato, desperdiçando a adubagem cuidadosa.

Dia após dia, baço após baço, fígado após fígado. Cada parte era destinada de forma pensada para melhor resultado nas hortaliças. Um colega de trabalho, um vendedor de empadas, uma assistente de enfermagem. Um rim nutritivo, uma linda perna e um preservado pulmão. Uma salsa que vingou, uma belo alho-porro e o sabor do orégano fresco. Na terra vai a vida e a morte traz os sabores.



DOIS

EU NÃO SABIA

Eu não sabia, nem você sabia papai. Eu lembro mais ou menos do escuro, devia ter pedido para o moço anotar pra mim, para eu não esquecer, mas ele não me deixava falar por causa do tubo...

Naquela manhã estava escuro, acho que mesmo depois de passar o ano todo acordando pra ir pra escola de manha cedo, não tinha me acostumado a sair antes do nascer do sol. Quando acordei pra ir pra escola, você estava dormindo, não queria acordar o senhor, eu sei fazer café sozinho. A Van chegou mais cedo e estava bem vazia, todo mundo me olhou estranho. Quase chegando à casa da Luiza me perguntaram qual recuperação eu tinha pegado, falei que nenhuma. Perguntaram-me o que eu estava fazendo ali se a aula já tinha acabado, mas eu não sabia, no dia que avisaram que não ia mais ter aula eu estava doente e não fui pra escola, não sei se você vai lembrar papai, mas eu juro.

Desci da Van na casa da Luiza, achei que não era tão longe, o Mauro não queria me levar até em casa de novo, disse que estava atrasado e que ou eu descia ou ia pra escola. Fui andando até em casa.

A neblina estava bem forte, alguns postes naquela rua não funcionam, dai tinha que andar no escuro. Corri uma parte porque um moço estava me observando de pé, do lado do carro dele.

O carro veio atrás de mim, o moço falou que queria me dar carona pra casa, eu não aceitei, falei que estava quase chegando. Quando parei na frente do portão, lembrei que tinha jogado a chave na mochila. O moço

desceu do carro, falou que ia ajudar. Eu tentei gritar, minha voz não saiu, eu fiquei com muito medo. Ele me agarrou e ficou tudo escuro.

Quando acordei, minha perna doía, mas eu não conseguia mexer, nem meus braços. Minha voz ainda não saía, ainda não sai. O moço estava falando comigo, mas eu não o via. Disse-me umas coisas sobre meu bumbum e que era pra eu não me mexer muito, pois iria sangrar onde ele cortou. Ele falou pouco comigo, e aparece poucas vezes. Ele vem quando está excitado e me usa pra algumas coisas.

Nas primeiras vezes que ele fez coisas comigo doeu bastante, mas depois passa. Já não ligo muito, tento dormir. O moço me acorda porque logo depois de fazer aquelas coisas ele me alimenta, e se eu estiver dormindo quando ele põe a comida no tubo, acabo vomitando.

Queria que ele me deixasse ir pra casa logo, a escola deve ter começado e todo mundo deve estar preocupado, mas acho que o moço não vai deixar. Na ultima vez ele me disse que logo ele ia tirar as amarras, e que finalmente eu tinha parado de crescer pra ele conseguir deixar minha perna no gesso, o que é triste, porque achei que ia crescer até ficar adulto como você pai. Mas espero que seja logo porque quando ele passa remédio pra infecção por causa da corda apertada, arde bastante e ele reclama, diz que dou trabalho.

Não sinto mais minha boca. Ficar na mesma posição faz tudo amortecer. Ainda faço força pra fazer algum som, mas a voz não sai. Talvez seja o tubo, espero ainda poder falar. Seria em vão pensar em como contar que não era minha culpa ter ido pra escola se não posso falar ou escrever.

Tenho que mesmo assim continuar pensando como explicar, porque não tenho nada pra fazer. Recordar das coisas e ocupar minha mente com isso faz o tempo passar mais rápido nesses momentos como agora, em que não posso dormir.

Finalmente o moço saiu.

TRÊS

A GAROTA E O CÃO

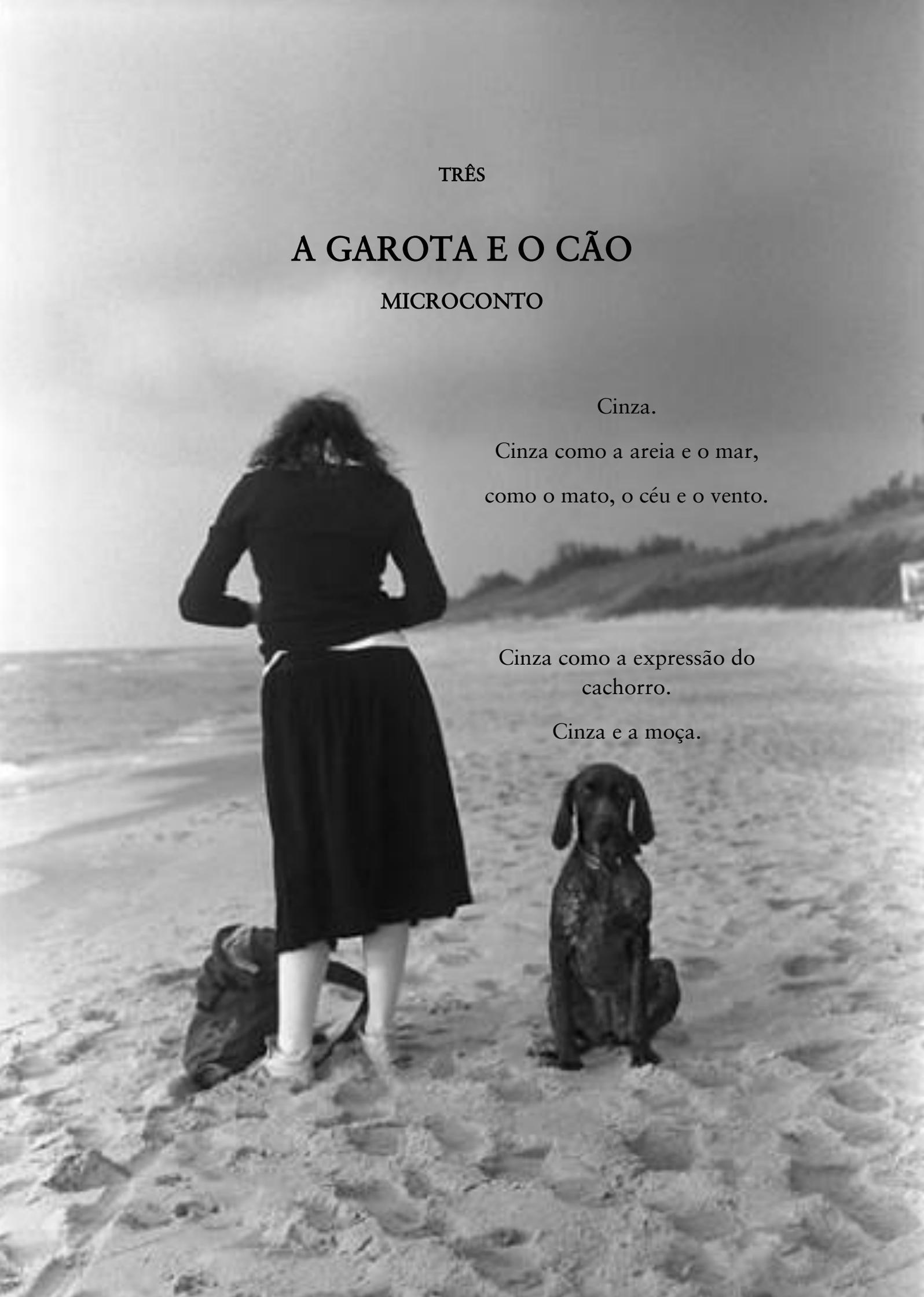
MICROCONTO

Cinza.

Cinza como a areia e o mar,
como o mato, o céu e o vento.

Cinza como a expressão do
cachorro.

Cinza e a moça.



QUATRO

TEMPOS DE FOIE GRAS

A crise era mais do que certa. Tempos sombrios viriam naquela noite.

Logo após sair do terminal de ônibus, vi de longe um sujeito vestido de forma horrenda. Me deu náuseas quando aquele terno ambulante se aproximou. Foi o fim de tudo que conquistei, me fez mostrar-lhe onde vivo, tomou de mim tudo que eu tinha. Fiquei sem rumo. Inconsolado.

Me vi no fim da linha.

Acordo todos os dias atordoado, lembrando daquela noite horrenda. Sonho com minha última viagem de ônibus, sinto o cheiro da janta farta, do frango empanado, dos belos bolos de cenoura e do arroz e feijão.

Hoje? Só me restou o temível. Raiva me consome todos os dias nas refeições. Como alguém consegue comer vieiras?

Minha família me pergunta todos os dias se voltaremos a ter nossa vida de volta, e eu, tentando engolir o foie gras, vou trabalhar sem responder. Desacreditado.

E como poderia ser diferente se nem a passagem do ônibus tenho condições de sustentar? Me rendo ao uso do carro, como um sem classe.



CINCO

AUTOMAT

INTERTEXTO COM EDWARD HOPPER

Algumas pessoas acreditam que a borra do café pode dizer o futuro. Deveria ter aprendido como fazer antes? Vem-me agora essa curiosidade, pois a vida seria muito mais fácil se soubesse o que está por vir.

Não vejo nada, talvez porque minha fé na existência tenha acabado. Talvez? Acho que preciso parar de utilizar esse termo em pensamentos que sei que são verdades. O uso do “talvez” vem do medo da aceitação de minhas próprias conclusões.

Minha fé na existência acabou.

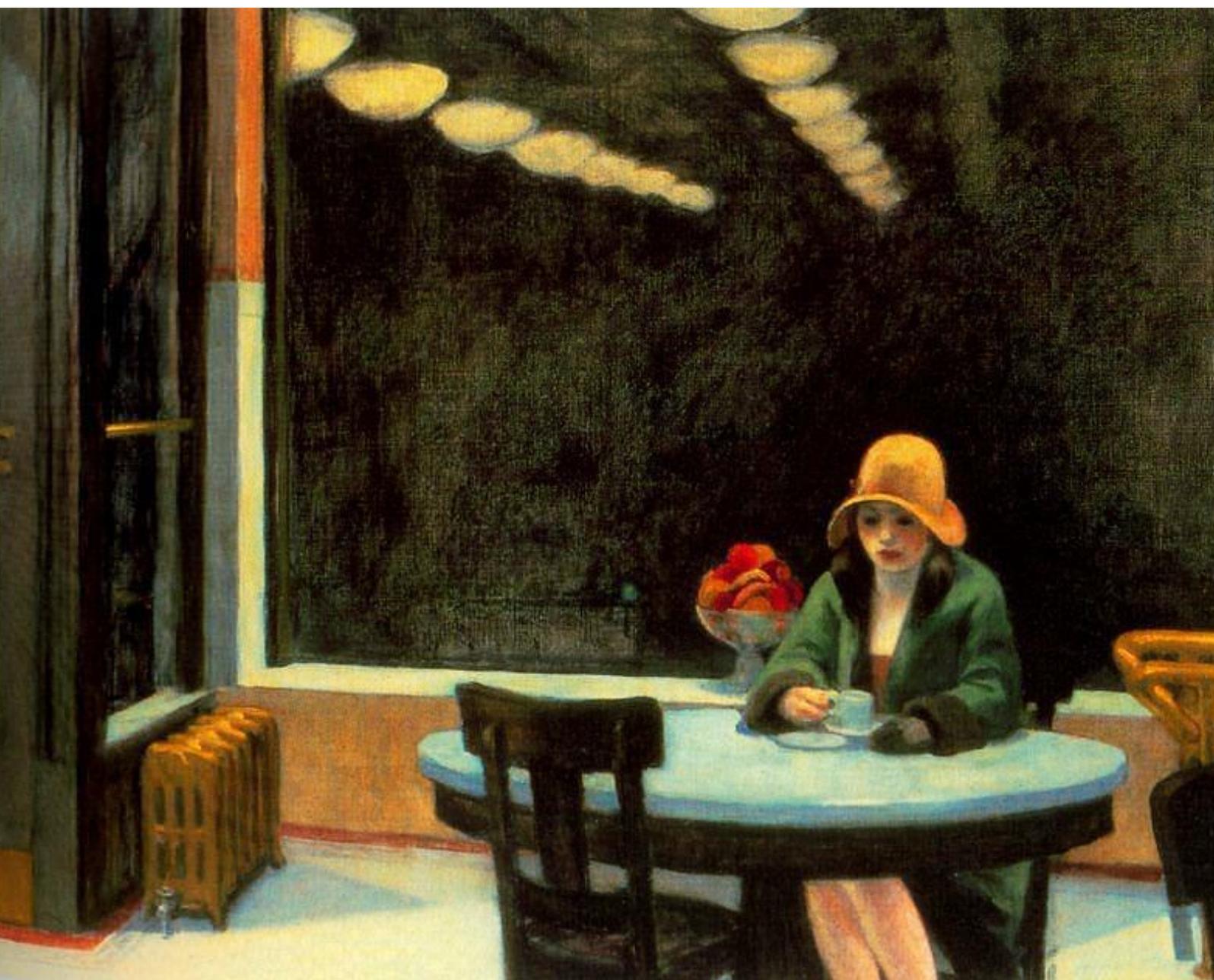
Penso agora o porquê desse tom melancólico em minha mente, me vem à ideia de que é justamente pela falta de sentido nas coisas. A melancolia traz um pouco de sentido, pelo menos ao ser um lixo você é alguma coisa. Isso no fundo conforta.

Não é um pensamento suicida, não. A fé na existência nem sempre precisa ser ligada com a própria existência. Esta inclusive, não se acaba com o fim da vida, ela continua lá, marcada em um feixe da história.

A fé existencial que digo é a crença no sentido do que faço. No sentido do pensar, do criar. Criar pra que? Qual o sentido do próprio sentido das coisas? No final tudo acaba no nada e o nada vira algo. Então pra que ter fé?

Fé pra viver, fé pra sentir... No momento, vivo sem fé, sentada em uma cafeteria vazia, olhando a borra que restou e pensando no sentido do que penso.

Automat, 1927 by Edward Hopper



SEIS

ROTEIRO I
“ID”

FADE IN:

INT. SALA - DIA - MANHA

BERNARDO, homem de 22 anos, está segurando uma pistola, agachado no canto do sofá, respirando intensamente.

BERNARDO

Chega! (grita) Você já fez cagada, eu te avisei mano.

INT. QUARTO - NOITE

BERNARDO está sentado em seu quarto conversando com amigo JORGE, de 23 anos.

BERNARDO

Tá, mas ela morreu de que?

Jorge desbloqueia seu celular na notícia de jornal.

JORGE

Vou ver aqui, parece que foi o namorado, pelo menos é o cara que está na última foto do Instagram dela.

BERNARDO

Deixa-me ver se conheço, abre o insta dela aí.

Jorge abre o aplicativo de celular e começa a passar as fotos.

BERNARDO (cont'd)

Sim, bem ele, credo que escroto, e ela é tão linda né.

JORGE

Muito, que tenso.

BERNARDO

Olha que linda, mano, a pele dela é bem branca.

JORGE

Deve estar mais pálida
ainda.

BERNARDO

Credo cara...

Jorge da "scroll" na tela, rindo.

BERNARDO (cont'd)

Nossa, volte na outra
foto, agora estou com
raiva, olha isso, a
Amanda é muito gostosa,
mano.

JORGE

Você e o seu tesão por
gente pálida, mas eu te
entendo, dá um crédito a
mais na garota né...

BERNARDO

Por gente pálida não, por
guria pálida né. (Rindo)

JORGE

Ué, eu sou bem branco,
você não me pegaria? Fala
sério.

BERNARDO

Só morto mesmo.

JORGE

Eu ou você morto?

BERNARDO

Você... Vou pegar uma
faca, calma aí...

JORGE

Cala boca... (rindo) Mas
falando da Amanda, como
eu disse, ela está bem
mais pálida agora né.

BERNARDO

Tá, você é perturbado,
vai lá abrir a tumba
dela, vai.

Jorge se levanta.

JORGE

E qual o problema?

BERNARDO

Ser preso, talvez?

JORGE

O maior problema pra ti é
ser preso, então você
curte a ideia?

BERNARDO

A ideia foi sua, e é bem
bizarro né mano...

JORGE

Tudo convenção social,
usar maconha também é
"errado", e estamos aqui
né...

Jorge pega o DICHAVADOR e um PACOTE plástico.

JORGE (cont'd)

Inclusive ela vai ser enterrada amanhã cedo, aposto que de noite o corpo ainda não está fedendo.

BERNARDO

Ah tá, você que ir lá descobrir então?

JORGE

Você é meu brother, eu estava pensando sim, me apoia? É só uma experiência, ninguém vai ficar sabendo.

BERNARDO

Ah cara, acho bizarro, mas é tipo droga pesada, não vou mentir que dá aquela vontadezinha de descobrir qual é a pira.

JORGE

Então... Já joguei a
ideia, e dá PLAY nesse
filme logo que é meia
noite.

Bernardo pega o controle da TV.

BERNARDO

Ok. Vou pensar até
amanhã, ainda acho
bizarro...

INT. COZINHA - NOITE

Bernardo fecha a porta da geladeira com uma garrafa de
VINHO e se vira para Jorge, que está sentado na
bancada. Na frente de Jorge estão duas taças.

BERNARDO

Eu falei que vou já, qual
o seu problema?

JORGE

É que você parece que vai
arregar, bem sua cara.
Promete que vai me
acompanhar?

BERNARDO

Sim porra.

JORGE

Tá, às 8h o cemitério
fecha e a gente entra.

BERNARDO

Ainda acho bizarro, você
quer mesmo? Não estou
falando que não vou, só
quero saber se você quer
mesmo.

Jorge enche sua taça.

JORGE

Ué, agora vamos né.

INT. SALA - DIA - MANHA - CONT. CENA 1

Bernardo após gritar, aponta a arma para si mesmo.

BERNARDO

Você me entende, e me manipulou, sabia que eu iria aceitar. Agora fodeu mano, me convenceu a fazer aquilo, desculpas, mas acabou pra ti, ou você some ou eu vou sumir contigo.

Bernardo engatilha a arma.

BERNARDO

Eu te dei a chance.

Bernardo atira em si mesmo.

SEQUÊNCIA:

A) Câmera de segurança: Bernardo na cozinha tomando vinho sozinho.

B) Câmera de segurança do cemitério: Bernardo entra no cemitério sozinho.

C) Corpo de Bernardo estirado, sozinho, na sala da casa.

FADE OUT

SETE

ROTEIRO II
ROTEIRO FINAL

“BRAINWASH”

FADE IN:

EXT. CASA - DIA

Um CARRO DE SOM passa na rua.

CARRO DE SOM

Hoje, às 8h da noite,
assistam o pronunciamento
oficial do Presidente
Aloísio Müller.

INT. SALA DE FERNANDO - NOITE

Fernando, homem de 36 anos, sua filha Julia, de 7 anos
e sua esposa, Marta, de 34 anos, sentam-se no sofá em
frente à TV, as 7:59 da noite.

TELEVISÃO

Atenção a todas as
emissoras para o TOP de 5
segundos. 5, 4, 3, 2, 1.

Fernando aumenta o volume.

FERNANDO

Olha lá, agora vem aquele
bosta, como que pode
né...

TELEVISÃO

Atenção! Abre-se neste
momento a rede nacional
de rádio e televisão,
para o pronunciamento
oficial do Presidente da
República Aloísio Müller.

A televisão começa a sofrer interferências pesadas, um som muito agudo começa a soar e a imagem pisca freneticamente.

INT. COZINHA - DIA

Fernando entra e enche uma xícara com café. Julia e Marta estão sentadas, tomando café.

MARTA

Coma logo, o transporte
passa em 11 minutos e 37
segundos.

FERNANDO

Estou dentro do tempo
estipulado. Acredito que
Julia ficará em seu
quarto como foi
combinado.

Julia faz sinal positivo com a cabeça.

FERNANDO

Ótimo, temos que cumprir
nosso dever com a nação.

Fernando toma seu café e se levanta.

FERNANDO (cont'd)

Vamos, é necessária a
precisão no horário.

EXT. RUA DA CASA DE FERNANDO - DIA

Um ônibus escrito Governo Federal para na frente do casal Fernando e Marta, que aguardavam na frente de casa. Eles entram no ônibus. O ônibus para na próxima casa, para pegar as próximas pessoas. O ângulo ABRE. Na frente de todas as casas da rua, existem pessoas esperando o ônibus.

INT. SALA DE VOTAÇÃO - DIA

Fernando entra. Na sala um computador dá as ordens.

COMPUTADOR

O sistema indica a
pendência de seu voto
para:

O computador mostra uma "tela de
loading".

COMPUTADOR (cont'd)

Plebiscito nacional para
o Fim do direito
constitucional ao voto.

O computador mostra uma tela de resposta com "SIM" e
"NÃO".

COMPUTADOR (cont'd)

O senhor, (pausa)
Fernando de Araujo
Vasconcelos, (pausa) vota
SIM ou NÃO para a perda
do direito ao voto?

FERNANDO

Voto sim.

COMPUTADOR

O Governo Federal
agradece sua contribuição
com a nação.

O computador volta para a tela inicial, Fernando sai da
sala e outra pessoa entra.

SEQUÊNCIA:

A) Uma montagem acelerada de imagens de pessoas, no mesmo ângulo, votando no plebiscito.

B) A palavra SIM, piscando na tela.

C) A imagem de rostos sorrindo piscam na tela.

Surge a palavra "FIM", no centro da tela.

INT. AUDITÓRIO - NOITE

O filme acaba e a PALESTRANTE, de 31 anos pega o microfone, enquanto na tela de projeção desaparece a palavra "FIM".

PALESTRANTE

É isso que eles sempre sonharam fazer, ter essa facilidade para manipular as pessoas. Muitas estão sendo usadas como no filme que vimos, porém não podemos deixar barato.

As luzes do auditório se acendem.

PALESTRANTE (cont'd)

Não podemos nos deixar manipular e abrir mão dos nossos direitos. Ainda há tempo de impedir que isso aconteça. Está nas nossas costas este peso.

As pessoas se levantam.

PALESTRANTE

Está na hora de fazer a diferença.

FADE OUT

